

Texto licenciado sob a forma de uma licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional



Apresentação do Dossiê

Os arquivos audiovisuais e a dupla função de conservar e exibir: práticas, usos e novas formas de visibilidade para os acervos

Editoras convidadas

Ana Broitman

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires, Argentina (UBA). Professora da Comunicação Social da UBA. Membro da Associação Argentina de Estudos Cinematográficos e Audiovisuais (ASAECA).

E-mail: anabroitman@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2708-0667>

Andrea França

Doutora pela ECO/UFRJ com pós-doutorado na Universidade de Reading (Reino Unido). É professora associada do departamento de comunicação e do PPGCOM da PUC-Rio, líder do grupo de pesquisa IMADIS - Laboratório de Pesquisa de Imagens em Disputa no Cinema e Audiovisual/CNPq - @imadispucRio.

E-mail: afranca3@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3292-7524>

Cecilia Gil Mariño

Doutora em História, Mestre em Estudos de Teatro e Cinema Argentino e Latino-Americano pela Universidade de Buenos Aires e bolsista de pós-doutorado da Fundação Alexander von Humboldt no Instituto Luso-Brasileiro da Universidade de Köln. É Pesquisadora Assistente no CONICET na Universidade de San Andrés, Argentina.

E-mail: cecigilmariño@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8960-4753>

É com alegria que apresentamos este dossiê – "Os arquivos audiovisuais e a dupla função de conservar e exibir: práticas, usos e novas formas de visibilidade para os acervos" – aos leitores. A proposta temática surgiu em função do estado de emergência em que se encontram acervos audiovisuais no Brasil e na Argentina. A inexistência de uma Cinemateca na Argentina, a situação difícil da Cinemateca Brasileira



e de muitas outras instituições de arquivo reclamam a urgência e a necessidade de reconhecimento e apoio institucional para que possam resgatar, acolher, organizar e preservar patrimônios e documentos, assim como compartilhá-los publicamente para que outros olhares possam se debruçar sobre eles. Acervos audiovisuais são importantes menos por serem lugares de conservação e preservação de acontecimentos passados, que mais por possibilitarem, na visada e no encontro com eles, que algo desse passado se misture com ecos do presente. Esse encontro favorece a pergunta sobre a condição de acesso ao passado na sua integralidade. Tais encontros produzem, por isso mesmo, um desconforto que explicita o questionamento sobre as relações de poder intrínsecas que configuraram e configuram esses acervos. As possibilidades de reler e de vislumbrar os silêncios e apagamentos fazem parte das tarefas que nos últimos anos vêm renovando os estudos e trabalhos sobre os arquivos.

Produtos audiovisuais são parte de nossas memórias, de nossas construções imaginárias, de nossas comunidades afetivas e desejanter, de nossos modos de registrar eventos e fatos do cotidiano. São arquivos de nossas histórias. É no encontro com esses arquivos (institucionais, públicos, familiares, domésticos, cinematográficos) e na sua difusão que novas possibilidades de leituras do passado podem ser feitas, assim como outros futuros podem ser vislumbrados; é no encontro com eles que conhecemos a história das transformações técnicas e tecnológicas da imagem; que compreendemos as transformações urbanas, sociais, de costumes; que experimentamos através de diferentes pontos de vistas os efeitos das guerras, das revoluções, das catástrofes. Se a imagem funciona como gatilho para apresentação e narrativas da história, trata-se sempre de uma história feita de camadas de ausências, de memórias residuais, e ainda da própria materialidade técnica (tipos de filme, vídeo, mídia digital, etc.). As imagens são constitutivas da experiência histórica e não meramente uma representação dela.

A situação do Sul global apresenta relatos particulares ligados a uma falta histórica de recursos, como mostram os artigos, presentes neste dossiê, "Esboço para um estudo histórico da gestão Cosme Alves Netto na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro" e "A seção de filmes do Arquivo Nacional do Brasil: notas sobre a trajetória de preservação de um acervo"; ao mesmo tempo, apresenta também o avanço das agendas políticas de movimentos sociais que reclamam e forjam seus lugares na história, como mostram os artigos "Patrimônio audiovisual e memórias de MG: o caminho sinuoso para a constituição do Museu da Imagem e do Som de BH" e "La memoria audiovisual en internet. el camino del archivo histórico de radio y televisión Argentina".

Como garantir o resgate e a preservação do cinema e do audiovisual



produzidos nesses países? Quais são os desafios quando consideramos o alcance, a importância e o volume de produções audiovisuais na atualidade? Que dificuldades se colocam quando falamos em preservação audiovisual digital? O contexto global da Covid-19, desde 2020, deixa claro que a imagem invadiu o interior da vida doméstica, mostrando que o contexto de produção, circulação e exibição de conteúdos audiovisuais na percepção e no imaginário social pertence àqueles que portam aparelhos celulares e com acesso à internet. O vírus nos ensina, entre outras coisas, que há novos desafios para as instituições de acervos audiovisuais, visto que há uma produção massiva que não é mapeada por elas – e que cresce diariamente – e que talvez nunca seja mapeada, tal como ressalta a cineasta Albertina Carri na entrevista que integra este dossiê. Carri, em relação aos futuros arquivos da pandemia, insiste nas imagens e nos discursos *spam* que tendem à desaparecimento e ao esquecimento, quando na verdade são materiais muito influentes nas sociedades e nas decisões coletivas sobre o político. O que sobreviverá ao tempo, o que será lembrado e o que será esquecido?

O dossiê "Os arquivos audiovisuais e a dupla função de conservar e exibir: práticas, usos e novas formas de visibilidade para os acervos" parte da premissa que o cinema e o audiovisual são uma porta de acesso para o conhecimento do que somos e do que queremos ser, tanto de uma perspectiva histórica, quanto de uma perspectiva estética. A virada digital – tanto na produção de materiais audiovisuais, como na digitalização dos acervos – chega para trazer novos desafios para instituições, pesquisadores, cineastas e artistas. Muito ainda precisa ser pesquisado, estudado e difundido sobre soluções de armazenamento, restauro, catalogação e preservação. Nesse sentido, o dossiê reúne trabalhos de pesquisadores que também estão envolvidos na prática arquivística, em redes e associações de preservação audiovisual, bem como traz entrevistas com cineastas – Susana de Sousa Dias e Albertina Carri – que pesquisam e propõem reflexões teórico-estéticas sobre seus trabalhos com os arquivos.

Um primeiro grupo de artigos dentro do dossiê dialoga com a construção de um campo em desenvolvimento que está ligado aos estudos históricos e às memórias institucionais e político-sociais dos acervos. O já mencionado "Esboço para um estudo histórico da gestão Cosme Alves Netto na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro", de Fabián Núñez, apresenta um estudo sobre a gestão de Cosme Alves Netto na Cinemateca do MAM-RJ, sobretudo nos anos 1960 e 1970. Aborda igualmente o papel desta Cinemateca durante a ditadura militar brasileira, sinalizando sua importância no cenário cultural da cidade por encarnar as ideias de resistência e de contestação, aglutinadas em um espaço de difusão no âmbito cinematográfico. O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, ao qual a Cinemateca se vincula, tornar-se-ia, com

a instalação da ditadura militar, um espaço de efervescência cultural e de expressão livre para várias gerações de artistas brasileiros.

“La memoria audiovisual en internet. El camino del archivo histórico de radio y televisión Argentina”, de Ezequiel A. Rivero, descreve a política de preservação, digitalização e difusão dos arquivos sonoros e audiovisuais da Radio y Televisión Argentina S.E. (RTA), um dos arquivos mais extensos e antigos do país. Tal política responderia ao duplo objetivo de, por um lado, estancar a deterioração do maior acervo audiovisual da Argentina e, por outro, de possibilitar o amplo acesso do público através da internet. A proposta de preservar e democratizar o acervo encontrou dificuldades imensas dos pontos de vista tecnológico, econômico e organizacional, sendo uma delas a publicação de um grande volume de material histórico no YouTube. Em “A seção de filmes do Arquivo Nacional do Brasil: notas sobre a trajetória de preservação de um acervo”, os autores Walmor Martins Pamplona e Aline Lopes de Lacerda apresentam uma análise sobre a trajetória de criação, implantação e desenvolvimento da seção de filmes do Arquivo Nacional do Brasil (AN). Como relatam os autores, o Arquivo Nacional, criado em 1838 no Brasil Império, atua desde então como órgão principal do Sistema de Gestão de Documentos e Arquivos (SIGA) do poder executivo federal. O artigo focaliza a experiência de trabalho da seção de filmes do AN e a influência do modelo de tratamento de filmes empregado nas atividades realizadas pelas cinematecas brasileiras – em São Paulo, a Cinemateca Brasileira, e, no Rio de Janeiro, a Cinemateca do MAM. Ambos os modelos serviram de base para a implantação da gestão do acervo de filmes do Arquivo Nacional.

Dois outros trabalhos integram um segundo grupo de propostas que indaga as relações entre instituições estaduais, a política e a cultura locais. O artigo de Liciane Timoteo de Mamede, “Relações institucionais e programação de filmes: o caso do Centro Cultural São Paulo e da Cinemateca Brasileira entre os anos de 1982 e 1985”, analisa a programação da sala de cinema Lima Barreto, do Centro Cultural São Paulo, em seus três primeiros anos (1982-1985), avaliando as relações institucionais existentes entre a Fundação Cinemateca Brasileira e a Prefeitura de São Paulo, por meio da então recém-criada Secretaria Municipal de Cultura. O artigo busca examinar as razões pelas quais a Cinemateca esteve, num primeiro período, bastante envolvida com a programação do centro cultural e, logo em seguida, foi se afastando. Já o estudo de Adriano Medeiros da Rocha e Soraiá Nunes Nogueira sobre o “Patrimônio audiovisual e memórias de MG: o caminho sinuoso para a constituição do Museu da Imagem e do Som de BH” aborda as relações entre patrimônio audiovisual, memória e identidade cultural a partir das ações de preservação, organização e resistência desenvolvidas pela equipe do principal equipamento cultural responsável pelos cuidados com a memória

audiovisual na capital mineira e no próprio estado, assim como os desafios atuais de visibilidade do acervo. O artigo enfatiza o caráter de resistência da preservação audiovisual em um país como o Brasil.

O dossiê continua com as propostas de Mariela Elisa Cantú “VT is not TV. El video es televisión (y lo queda de la televisión es el video)” e com o trabalho de Valdemir Soares dos Santos Neto e Mario Abel Bressan Júnior “As complexas relações arquivísticas, mercadológicas e afetivas diante das práticas de preservação e compartilhamento do arquivo televisivo do Grupo Globo: o caso da plataforma Globoplay”. Esse grupo de artigos avalia as políticas, os desafios e as práticas da memória televisiva, seja na Argentina ou no Brasil, buscando relacionar a dimensão afetiva e os interesses mercadológicos contidos na disponibilização e no acesso dos produtos audiovisuais. O artigo de Mariela Cantú assinala que, devido aos problemas de guarda históricos da televisão argentina – dominada por oligopólios, empresas estrangeiras e sob frágeis processos democráticos durante muito tempo –, o vídeo transformou-se em suporte e veículo dessas imagens que constituem uma dimensão fundamental da memória coletiva. Por meio da análise e do destaque de obras de documentaristas e cineastas que têm incentivado (re)visões de épocas, personalidades e acontecimentos da história recente do país através do reuso e das reativações do material de arquivo televisivo e videográfico como fonte de narrativas e contranarrativas, a autora propõe pensar o vídeo experimental como forma de conceber arquivos potenciais. Cantú lança a pergunta “não poderia ser o contato com as imagens do que fomos um convite a imaginar outras dimensões do que poderíamos ser? Talvez assim, em lugar de fugir dos fantasmas do reflexo que nos devolve o espelho, possamos contemplar altivamente as quimeras de um amanhã sem tempo, no qual todas as histórias estão ainda a ser contadas”.

Valdemir Soares dos Santos Neto e Mario Abel Bressan Júnior no artigo seguinte também destacam a importância da tecnologia do videocassete, até meados dos anos 2000, na autonomia dos telespectadores no que diz respeito ao registro e à preservação de produções televisivas. Tal gesto, segundo os autores, é resultado de interesses afetivos e configura, portanto, uma memória teleafetiva. O trabalho indaga sobre as relações das práticas arquivísticas com o valor mercadológico e afetivo e com a chegada de novos suportes tecnológicos a partir do caso da plataforma de *streaming* Globoplay, responsável por tornar público o acervo audiovisual do Grupo Globo, no qual se incluem as telenovelas que constituem a história cultural da televisão brasileira. Além da função arquivística dos conteúdos ofertados pelo Globoplay, os autores concluem que o arquivo exerce múltiplas funções, de diversas ordens, tais como as funções afetiva e mercadológica que, inter-relacionadas, garantem a sua existência.



O dossiê apresenta ainda duas entrevistas com as reflexões de duas grandes cineastas do mundo ibero-americano: Albertina Carri e Susana de Sousa Dias. Carri, a partir de sua meio-metragem *Palabras Ajenas* – ainda sem data de estreia prevista – propõe as noções de “imagens spam” e “ecologia do arquivo” para pensar os usos dos arquivos, em particular das imagens que circulam na internet e que consumimos todos os dias. O filme, realizado entre o ano de 2021 e 2022, surge a partir de um convite de uma instituição artística para realizar materiais audiovisuais sobre artistas argentinos. No contexto da pandemia da Covid-19, a cineasta escolhe homenagear a obra *Palabras Ajenas*, de León Ferrari, utilizando o que ela chama “método Ferrari” para refletir sobre a proliferação de discursos de ódio espalhados pela internet e para criar um arquivo da pandemia que talvez nunca venha a ser integralmente mapeado. A entrevista com a cineasta portuguesa Susana de Sousa Dias discute seu filme mais recente, *Fordlândia Malaise* (2019), que resulta de uma residência artística e de um trabalho com imagens de arquivo da cidade de Fordlândia, localizada no estado do Pará, na Amazônia. A cineasta reflete sobre as escolhas de montagem no filme. À diferença dos seus anteriores trabalhos, Dias optou pela aceleração como método interrogante das imagens de arquivo e como forma de trabalhar a disjunção existente entre uma cidade que há no imaginário das pessoas e a vida cheia de histórias das pessoas que ali moram.

Em seguida às entrevistas, a resenha da doutoranda Patricia Cunegundes Guimarães sobre o livro de Saidiya Hartman *Perder a mãe - uma jornada pela rota atlântica da escravidão* (Bazar do Tempo, 2021) apresenta o mergulho da autora estadunidense e professora de Literatura Comparada da Universidade de Columbia na história do comércio atlântico de escravizados africanos. Buscando enfatizar as lacunas documentais da história do comércio negreiro, tanto a coletiva como a de sua própria família, Hartman propõe a noção de “fabulação crítica” para refletir sobre a ausência de arquivos e os silêncios em torno do terror da escravidão transatlântica e do racismo. O livro é resultado da viagem de um ano a Gana como bolsista do Programa Fullbright e do desejo de pensar formas narrativas para contar uma história impossível. O oceano Atlântico, as ruínas, os documentos que faltam, os porões do castelo de Elmina são alguns dos elementos que fundamentam o trabalho arqueológico e de imaginação de Hartman.

Gostaríamos, por fim, de destacar que a proposta deste dossiê é o resultado da consolidação das redes de trabalho de pesquisadores na América Latina. A parceria entre a Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual (AsAECA) e a Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE) tem como um de seus objetivos favorecer o diálogo e o trabalho conjunto sobre a situação de acervos



rebeca



Revista Brasileira
de Estudos de
Cinema
e Audiovisual

audiovisuais, a fim de avaliar questões específicas a cada contexto e imaginar outros futuros para preservação das imagens de nossas memórias e histórias.